



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em conjunto com o presidente da Costa Rica, Óscar Arias, após assinatura de atos

São José-Costa Rica, 03 de junho de 2009.

Meu caro amigo presidente Óscar Arias.

Quero dizer da minha alegria de poder voltar à Costa Rica, 19 anos depois, pois a primeira vez que eu vim à Costa Rica foi em julho de 1980. E conhecemos a Costa Rica pelo desenvolvimento, por ser o único país que não tem Exército, por ser um país que negociou a paz na América Central, e por ser um país que conquistou um modelo de desenvolvimento e uma política de distribuição de renda e de política social que fazem inveja a muitos países grandes do mundo.

O Brasil... já nos últimos sete anos, nós tomamos a decisão de fazer com que o Brasil se voltasse um pouco mais para a América do Sul, para a América Latina, envolvendo a América Central e o Caribe.

Durante todo o tempo em que o presidente Fox foi presidente do México, e agora com o presidente Calderón, eu tenho insistido para que o presidente Calderón e insistia para que o presidente Fox, não deixassem de olhar [para] os Estados Unidos ou de fazer acordos com os Estados Unidos, mas que se voltassem um pouco para o nosso continente. Ou seja, que se voltassem um pouco para o Mercosul, para o Sica, porque como dois países grandes, a gente poderia facilitar o processo de integração política, cultural, econômica.

Bem, as coisas não acontecem tão fácil como a gente gostaria que acontecessem, porque leva tempo, tem a questão dos costumes, dos compromissos, mas andamos. Andamos e avançamos muito. Eu fiquei muito feliz quando conseguimos fazer, lá em Sauípe, na Bahia, a primeira reunião



entre todos os países da América Latina, [do] Caribe, sem a participação de alguém que não fosse da América Latina e do Caribe.

Acho que o processo de integração que estamos construindo, ele vai andando lentamente, mas vai andando, e eu acho que nós estamos avançando muito. Eu, de vez em quando, quando encontro um presidente e ele fala “mas as reuniões não decidem nada, as coisas não andaram”, eu falo: em vez de reclamar, olhe o que a gente tinha há cinco anos, há seis anos, há dez anos, você vai perceber que nós avançamos muito. Por quê? Porque tanto o Brasil quanto os países da América do Sul e da América Central, todos nós estávamos muito voltados, de um lado para os Estados Unidos, de outro lado para a União Européia, e olhávamos muito pouco para nós. Parecia uma família que estava dentro do mesmo espaço geográfico, mas um de costas para o outro, e nós agora estamos de frente, descobrindo similaridades, descobrindo oportunidades, fazendo os acordos, pequenos, médios e grandes. Mas eu acho que a coisa está avançando de forma extraordinária.

Às vezes, Presidente, eu fico mais constrangido porque na maioria dos países que eu vou aqui, é a primeira vez que um presidente do Brasil visita a maioria dos países da América Central e do Caribe. É inacreditável como o Brasil, tão grande, estava voltado para poucos parceiros.

Eu, esses dias, fui à Arábia Saudita, o maior país do Oriente Médio. O último mandatário brasileiro foi o imperador D. Pedro II, que foi lá em 1875. Eu fui ao Líbano. Nós temos 10 milhões de árabes que moram no Brasil, árabes descendentes. Tem uma rua em São Paulo que tem mais árabe do que todo o mundo árabe. Entretanto, o último mandatário que foi, antes de mim, foi o Imperador D. Pedro II. Eu fui a Istambul. O último presidente que foi, o último, foi o Imperador D. Pedro II. Um país de 80 milhões de habitantes.

Bem, neste mundo globalizado, nós temos que ter os nossos parceiros, os nossos acordos, mas todos nós precisamos virar um pouco mascates, caixeiros-viajantes, vender um pouco os nossos produtos. E também trabalhar



com muito cuidado as assimetrias entre os países, para que a gente garanta... possa garantir que não haja um desequilíbrio muito grande na balança comercial.

Eu digo sempre que o bom comércio é aquele que quase empata, ou seja, todo mundo compra e todo mundo vende. Se for apenas um comércio de um comprador, que tem um superávit muito grande, fica um comércio meio desequilibrado e pouco justo com o país que tem déficit comercial. Mas sempre tem que ter déficit comercial. Nós estamos, há algum tempo já, querendo um acordo entre o Mercosul e o Sica e nós sabemos que temos que resolver antes os problemas e as assimetrias entre os países que compõem o Mercosul e os países que compõem o Sica.

Como o Presidente vai tomar posse logo no Sica e o Tabaré Vázquez vai assumir, agora, o Mercosul, eu penso que os dois poderiam nos dar de presente, no final dos seus mandatos, da sua Presidência, a possibilidade de fazer um acordo entre Mercosul e Sica, que seria muito importante para os dois blocos. Eu penso que os dois presidentes têm muita experiência e poderão chegar a acordos que possam ser aceitos pelo Sica e pelo Mercosul.

Bem, dito isso, eu queria dizer ao Presidente da minha alegria de estar na Costa Rica. É uma pena que em viagem presidencial, a gente nunca... raramente passa duas noites no mesmo hotel, e ainda tem gente que pensa que a gente não trabalha. O meu maior prazer nesta viagem é que a imprensa [se] cansa primeiro do que eu.

Eu acho... quando o Presidente foi ao Brasil, nós fizemos alguns entendimentos importantes na área do Banco de Leite materno, de Leite Humano, na área de biocombustíveis, na área de gestão e conservação de centrais elétricas, no controle metrológico, um acordo do Inmetro, um sistema de saúde pública, policiamento comunitário, produção de hortaliças da Embrapa aqui.

Uma coisa importante, e eu faço questão de dizer aqui, é que há



possibilidade de empresas brasileiras que querem exportar etanol para os Estados Unidos construir parcerias com empresas daqui e montarem as suas usinas aqui, porque têm vantagens enormes na exportação do etanol a partir da Costa Rica. E há uma possibilidade enorme, há interesse do governo, certamente há interesse dos Estados Unidos, ou melhor, da Costa Rica, e o Brasil teria chance de vender o nosso etanol via Costa Rica. É um processo que eu vou levar. Tem a possibilidade de financiamento de ônibus brasileiros aqui para a cidade, para a Costa Rica. Nós temos condições de financiar, o Brasil tem interesse em financiar. Eu vou pedir para que alguns ministros brasileiros voltem aqui com um grupo de empresários para discutir os assuntos de interesse específico de cada setor e eu acho que nós vamos avançando. Eu queria, de pronto, agradecer o carinho com que eu fui tratado ontem, um jantar maravilhoso que o Presidente me ofereceu na sua casa.

_____ : (em espanhol)

Presidente: (incompreensível) duas vezes. Vou pedir para você jogar o meu número na Mega-Sena.

Jornalista: Tomara que eu dê sorte. Presidente, boa tarde. Boa tarde, presidente Óscar Arias.

Presidente: Fale mais alto, querido.

Jornalista: Presidente, o senhor conversou hoje com o ministro Celso Amorim, e o ministro Celso Amorim está em Honduras neste momento, participando do desenlace da reunião da OEA que, ao que consta, já se vê um novo impasse. A secretária de Estado, Hilary Clinton, fala que não houve um consenso, e alguns países – Venezuela, por exemplo – defendem que essa discussão



sobre o reingresso de Cuba na OEA seja uma condição *sine qua non*. Os Estados Unidos acham que não é o momento, que é dar um cheque em branco, e o ministro Celso Amorim está querendo encontrar um terreno comum ali, em um grupo de trabalho que ele está chefiando. Como é que o senhor acha que dá para encontrar esse denominador comum? O que o senhor antevê que possa ser feito? Os dois lados têm que fazer concessões?

Presidente: Eu sempre acho que é possível encontrar um denominador comum. Certamente, há 20 anos, quando este homem começou a negociar o processo de paz na América Central, muita gente não acreditava que era possível chegar à paz, e se chegou à paz. Nós temos um problema, porque todas as vezes em que você vai para um foro multilateral, é correto que você trabalhe muito para que a decisão seja por consenso e não por votação. Nós temos visto, em alguns momentos, decisões tomadas por votação e países que não cumprem as decisões. Então, é melhor construir um consenso para que as pessoas cumpram.

Os Estados Unidos avançaram bastante na medida em que aceitam revogar a decisão de 1962, que afastou Cuba da OEA. Já é um passo importante, porque há alguns meses não queriam conversar sobre isso. Agora os Estados Unidos exigem que tenha condicionalidades, alguma coisa ligada à democracia, aos direitos humanos. Por outro lado, os companheiros, não sei se todos, mas o companheiro da Venezuela, os companheiros da Bolívia... a Alba, me parece que tem uma proposta sem condicionalidade nenhuma. Aí os Estados Unidos também não aceitam.

Nós, do Brasil, não queremos nem ir para a votação, nem fazer votar a Alba, nem fazer votar os Estados Unidos. Se nós já chegamos onde chegamos, acho que nós temos que continuar trabalhando mais para construir um consenso. Ontem houve até propostas colocadas à mesa, que os Estados Unidos aceitaram, depois as propostas foram tiradas... e essas discussões nos



foros multilaterais são complicadas, as pessoas têm dificuldade. Mas eu sou um homem otimista de que já há uma vantagem em tudo isso, há um consenso muito grande de que a tomada de decisão seja revogada. Agora vamos discutir como fazer sem ferir os cubanos, sem ferir os americanos, sem ferir outros companheiros, e o Brasil vai trabalhar para ajudar nisso. Eu estou otimista de que nos próximos meses nós poderemos encontrar uma solução.

Jornalista: Boa tarde, Presidente Lula. Boa tarde Presidente Arias. Presidente Lula, ontem o senhor falou que quando o senhor sai de casa os meninos fazem algazarra. Mas, no Congresso, a algazarra também está acontecendo, sobre a CPI da Petrobras, que a base aliada não chega a um acordo, e estão esperando o senhor voltar para conversar. De que forma o governo pode tentar acabar com essa disputa, principalmente entre PT e PMDB? Só aproveitando, uma outra pergunta, rapidinho, Presidente. Não tem a ver com isso, mas a gente gostaria de saber se o senhor vai à missa pelas vítimas do acidente aéreo na sexta-feira?

Presidente: Primeiro, eu não sei se alguém está me esperando para discutir negócio de CPI, para montar CPI, porque não é do meu feitio, muito menos meu hábito interferir em quem vai para a CPI. Isso é um problema dos partidos. O Congresso criou a CPI, escolheu os membros, [então] monte a CPI e toque o barco... fazer funcionar. Então, eu, sinceramente, não vejo que tenha nenhum problema. Nós estamos dentro da normalidade constitucional e, portanto, estamos trabalhando tranquilamente.

Com relação à missa. Se for na sexta-feira, eu estaria em Abrolhos na sexta-feira, que é o Dia Mundial do Meio Ambiente. Eu tenho que chegar ao Brasil amanhã pela manhã, rever a minha agenda, ver como é que eu faço, mas eu teria muita vontade de ir ao ato ecumênico que vai ter no Rio de Janeiro, pelas vítimas do acidente do avião. Não se esqueça de que nós vamos



chegar em casa hoje, por volta das duas horas da manhã. Mas eu tenho vontade de ir, disposição.

_____ : (em espanhol)

Jornalista: (em espanhol)

Presidente: O Brasil tem feito debates sobre uma nova matriz energética com muita responsabilidade, e o Brasil tem desenvolvido, ao longo desses últimos 35 anos, tecnologia suficiente para provar que nós temos menos discurso e mais resultado prático de uma matriz energética limpa. Se você pegar apenas a energia elétrica do Brasil, 85% da nossa energia elétrica é limpa. Se você pegar a energia como um todo, você vai perceber que 45% da energia brasileira é limpa, contra apenas 12% dos países que se dizem preocupados com a Amazônia.

Então, nós queremos que países importantes, como os Estados Unidos, firmem o Protocolo de Quioto. O que nós queremos é que os países ricos financiem os países pobres, que têm política de preservação, para que eles possam manter as suas florestas em pé, porque próximo de cada árvore tem um ser humano passando fome, que precisa trabalhar, e nós precisamos nos preocupar com isso. A Amazônia tem 25 milhões de habitantes, só a parte brasileira. Então, eu acho que se cada país cumprir a sua tarefa, se cada país fizer o que tem que ser feito, nós poderemos produzir energia mais limpa, renovável, [que] gere emprego e [que] gere riqueza.

Nós entendemos que isso já aprovado e vai ser motivo da decisão de Copenhague, que os países ricos, cada vez mais, têm que colocar no seu orçamento, financiamento para os países que ainda têm florestas em pé, para que eles mantenham essas florestas em pé.

No caso do Brasil e do etanol, eu, de vez em quando, vejo muitas



informações deformadas sobre a questão do etanol, e eu sonho que o etanol seja uma matriz energética para ser produzida em países que têm terra. Ninguém é insano mentalmente para produzir etanol no lugar de comida. Mas nós temos muitas terras degradadas no mundo, nós temos muito território a ser utilizado ainda em continentes... no continente latino-americano, muita terra ainda no continente africano. O que nós precisamos é fazer com que os países ricos diminuam a utilização de combustível fóssil e, portanto, poluente, e ajudem a financiar a produção dessa energia limpa em países mais pobres e que tenham mais terra. Esse é um desejo, é um sonho.

Os Estados Unidos impõem uma sobretaxa ao Brasil que eu acho injusta, mas impõem, e como eu defendo a soberania dos países, nós temos que convencê-los a abrirem mão disso. Na conversa que eu tive com o presidente Arias, ele me explicou como é que funciona o acordo Costa Rica-Estados Unidos e Costa Rica-Europa. Portanto, se empresários brasileiros fizerem acordo com empresários da Costa Rica, nós poderemos atender ao mercado americano aqui. O álcool pode vir para cá, pode ser desidratado aqui e pode ser exportado do jeito que os americanos gostam de comprar etanol. Isso é possível fazer.

Eu acho que nós precisamos ter consciência de que se nós ainda estamos longe de fazer a integração que nós sonhamos, nós não podemos nos esquecer que a União Européia levou 50 anos para consolidar o processo de integração e ainda tem divergências. O Reino Unido não aceitou o euro, vários países não aceitaram a Constituição. Na França, que é um dos líderes da União Européia, o povo reprovou a Constituição única. Então, é um processo de construção e eu acho que aqui nós já avançamos muito. A integração não pode apenas ser comercial. O comercial é uma parte, mas ela tem que ser política e ela tem que ser cultural, e nós temos muita coisa para aprender sobre nós mesmos.



Presidente Óscar Arias: (em espanhol)

_____ : (em espanhol)

Jornalista: (em espanhol)

Presidente Óscar Arias: (em espanhol)

Presidente: Também, uma coisa muito importante que eu tenho conversado com os empresários brasileiros, é que uma forma de você equilibrar o comércio entre um país maior e um país menor, um país de economia maior, é que empresas do país [de países] como o Brasil venham produzir coisas aqui para exportar para o Brasil, para que a gente possa equilibrar a balança comercial. O que estamos fazendo com a Venezuela... a Venezuela tem quase US\$ 5 bilhões de débito comercial. Não é justo que seja (incompreensível), é preciso que a gente comece a comprar alguma coisa da Venezuela. Nós não podemos comprar petróleo porque achamos o pré-sal agora, mas nós precisamos ajudar empresas nossas a fazerem parceria, produzirem coisas. Aqui na Costa Rica é a mesma coisa, e vale para outros países. Como a economia é uma economia privada, você precisa ter um processo de convencimento do empresariado.

Na Argentina, por exemplo, nós já temos hoje umas dezenas ou centenas de empresas brasileiras produzindo coisas na Argentina e exportando para o Brasil. Tem empresas brasileiras no Uruguai exportando para o Brasil. É assim que precisa ser feito, e é assim que a gente vai tentar resolver entre Sica e Mercosul, para resolver esses problemas, em definitivo, assimetrias entre os países, e tentar estabelecer regras que permitam aos dois lados ganharem, senão, não haverá comércio.

Jornalista: (em espanhol)



Presidente: A imprensa brasileira vai dizer que eu estou fazendo campanha eleitoral. Não estou fazendo campanha eleitoral.

Jornalista: (em espanhol)

Presidente: Não. Eu estou convencido de que um segundo mandato... O primeiro mandato que nós fizemos, foi um mandato para consolidar política social no Brasil. Fizemos a mais forte política social que já houve no Brasil, nós implantamos entre 2003 e 2006. E no segundo mandato, nós resolvemos que estava na hora de fazer, primeiro, o aperfeiçoamento das políticas sociais que estávamos fazendo, mas era preciso desenvolver o Brasil, porque havia 25 anos que no Brasil não tinha investimentos em infraestrutura. Todo mundo que é brasileiro sabe que o último presidente que investiu em infraestrutura foi no período do presidente Geisel, que investiu, contraiu uma dívida enorme. Depois os outros passaram todo o tempo pagando a dívida. Quando nós tomamos o dinheiro emprestado, o dólar estava muito barato, os juros muito baixos, mas depois, com a crise do petróleo, os juros subiram muito e aí o Brasil ficou com uma dívida quase impagável, durante quase 20 anos. Então, o Brasil não investia em infraestrutura.

Então, nós tomamos a decisão de fazer um grande programa de investimento. Um programa de investimento – uma parte é até 2010, outra parte até 2012 – que envolve não apenas o governo federal, mas envolve as empresas públicas. Por exemplo, o nosso investimento equivale a US\$ 304 bilhões, até 2013; 178 bilhões, até 2010. Somente a Petrobras tem investimento equivalente a US\$ 178 bilhões em prospecção, gasoduto, alcoolduto e pesquisa também, que é muito importante.

Bem, isso fez com que o Brasil, nesses últimos 30 anos, vivesse a mais importante política de infraestrutura que nós já construímos no Brasil. Nós



estamos fazendo obras em todas as regiões metropolitanas no País, para ver se a gente diminui [melhora] a qualidade de vida nas favelas e melhora a vida daquele povo. É um processo muito grande de urbanização de favelas, de saneamento básico. Aprovamos, agora, um programa de 1 milhão de casas, casas populares, grande parte delas para quem ganha de um a três salários mínimos. Estamos fazendo muitas escolas.

Só para vocês terem idéia do que eu falo, de fazer muitas escolas, em cem anos o Brasil construiu 140 escolas técnicas. Em oito anos, nós vamos construir 214 escolas técnicas, ou seja, em oito anos nós vamos fazer uma vez e meia a mais do que foi feito em um século. Estamos investindo muito em universidade, estamos investindo muito em ciência e tecnologia. Fizemos um grande programa de investimento de R\$ 41 bilhões, o equivalente a US\$ 20 e poucos bilhões, até 2010, para ciência e tecnologia. Por isso, é com muito orgulho que o Brasil já passou a Rússia e a Holanda na produção científica, em revistas especializadas. Não é pouca coisa. Então, eu acho que o segundo mandato é um mandato em que nós estamos conseguindo executar obras muito difíceis.

Agora, você sabe que na América Latina e no Brasil nós temos problemas, porque durante 25 anos, no caso do Brasil, em que você não investiu em infraestrutura, você consolidou uma estrutura de fiscalização. Então, se criou muito mecanismo de fiscalização, que vai da Controladoria Geral da República ao Tribunal de Contas, ao Ministério Público, e a tantas outras coisas.

Tem uma diferença fundamental: é que você tem os executores normalmente mal remunerados e os fiscalizadores normalmente bem remunerados. Então, se você for ver um engenheiro que trabalha há 30 anos, um engenheiro, para construir uma estrada, ele deve estar ganhando por volta de R\$ 4 ou 5 mil por mês, ou R\$ 6 mil. Se você for a um auditor no Tribunal de Contas, recém-formado, ele deve estar ganhando 15, 16, 14, sei lá quanto. Se



você for a um executor, em qualquer outra parte, você tem sempre as pessoas que fiscalizam ganhando o dobro das pessoas que executam. Então, as pessoas preferem fazer concurso para fiscalizar do que concurso para produzir. É da vida.

Bem, ontem eu dizia para o Presidente... uma coisa extraordinária, eu conto esta história porque ela é hilariante, ela pode ser... mas eu conto muito do sapo, o “sapito”, de um viaduto que a gente estava fazendo no Rio Grande do Sul, um viaduto grande, um túnel, e aí encontraram um “sapito”, e por conta daquele “sapito” nós paramos uma obra sete meses, porque era preciso fiscalizar se ele estava em extinção. Agora, quanto custou a paralisação de uma obra durante sete meses? Então, obviamente que eu não tenho nem coragem de matar uma “cucaracha” quanto mais um “sapito”. Eu quero que todos os “sapitos” vivam. Mas era só tirar ele e deixar passar o túnel.

Então, essas coisas acontecem hoje, mas o Brasil vive um momento auspicioso, de investimento. Falo com muito orgulho: fomos o último país a entrar na crise e seremos o primeiro país a sair da crise – dos grandes países. Certamente, no Brasil tem hoje menos gente torcendo para o governo não dar certo. Hoje tem pouca gente, está bem pequenininho o número de torcedores contra.

Nós estamos fazendo um esforço muito grande, tomamos todas as medidas que tínhamos que tomar para enfrentar a crise, não vacilamos em nenhum momento, e já tem vários setores dando sinais de que as coisas estão indo bem: indústria automobilística, indústria de geladeira, de fogão, de máquina, a indústria da construção civil, o comércio. Não tiramos um centavo de política social, portanto, o povo continua comendo, as taxas de juros estão caindo, a inflação está caindo, está tudo do jeito que Deus gosta. Eu penso que essa é uma conquista importante do povo brasileiro, porque nós não estávamos habituados.



A verdade é que a minha geração... desde que eu me formei politicamente, nos anos 70... De 1970 até 2002, 2000, o Brasil cresceu... o Brasil investiu muito pouco em infraestrutura. Foram 30 anos de poucos investimentos. Apenas no mandato do presidente Geisel teve muitos investimentos. Isso eu acho que está acontecendo em toda a América Latina. O Brasil tem mais de US\$ 5 bilhões de financiamento em obras de infraestrutura na América do Sul. Tem muita coisa financiada, porque o Brasil está assumindo mais responsabilidades do que antes. Antes a gente achava que o problema era do Banco Mundial, era dos Estados Unidos.

Nós, agora, por exemplo... eu propus a criação de um conselho sul-americano de combate ao narcotráfico. Por quê? Porque um dia nós vamos ter que conversar com o presidente Obama e dizer para o presidente Obama que nós vamos cuidar da droga nos nossos países, e [que] ele cuide dos consumidores dentro dos Estados Unidos. Aí nós vamos perceber que vai melhorar a situação. Nós assumimos a nossa responsabilidade, porque é um problema nosso – nós não podemos ficar esperando que alguém venha ajudar a gente a combater uma coisa que nós temos que combater – e os Estados Unidos trabalham corretamente o seu mercado interno e facilitam a vida de todo mundo. Da mesma forma, nós criamos um Conselho de Defesa, para que a gente aprenda a trabalhar juntos, para a gente criar mais confiança.

Então, eu estou... eu acho que o Brasil... se Deus ajudar, o Brasil vai se transformar, definitivamente, em uma grande economia, Tem todas as condições para isso.

(\$31DGJLMQ)